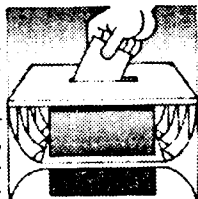


Freire, Covas e Maluf, no encontro com empresários catarinenses: vários pontos comuns

Candidatos expõem programas

Covas, Freire e Maluf defendem privatização de estatais e novas normas para a dívida

FLORIANÓPOLIS — Cerca de 500 empresários de Santa Catarina ouviram ontem, na sede da Federação das Indústrias do Estado, em Florianópolis, três candidatos a presidente da República — Mário Covas, do PSDB, Paulo Maluf, do PDS e Roberto Freire, do PCB — expor sua estratégia para levar o País à retomada do desenvolvimento. Era para ter sido um debate. Mas, esvaziado pela ausência do pedetista Leonel Brizola, que alegou "motivo de força maior" para cancelar sua viagem a Florianópolis, o encontro acabou transformado



numa longa exposição de idéias dos candidatos sobre economia.

Por mais inesperado que isso pudesse ser, contudo, os três candidatos demonstraram que têm alguns pontos em comum na forma de encarar a crise econômica do País e mesmo nas soluções. Os três falaram, inclusive o comunista Marcos Freire, em privatização das estatais e concordaram em que é impossível fazer o País crescer sem equacionar o problema das dívidas externa e interna.

Mário Covas teve o cuidado de mostrar sempre que suas idéias para a solução da crise econômica e de qualquer outro problema estão de forma clara no programa do partido: "O PSDB defende uma solução política para a dívida externa. Em vez de negociarmos com banqueiros, temos de negociar com as nações credoras." Ele lembrou ainda que lotes da dívida brasileira estão sendo adquiridos no mercado secundário a 30% de seu valor. E concluiu: "É simples. Temos de pagar pela

dívida o que ela realmente vale. O cálculo está explícito no mercado secundário".

Roberto Freire defendeu a suspensão do pagamento da dívida externa e a sua posterior renegociação: "Devemos insistir na tese de que a ONU seja o fórum privilegiado para discussão da dívida". Para o candidato comunista, é possível ao futuro presidente estabelecer um pacto interno entre todas as partes interessadas no equacionamento do problema da dívida interna. E sugeriu a privatização de certas empresas estatais: "É preciso acabar com essa história de o governo alimentar a ciranda financeira com o financiamento do déficit público".

O déficit público foi também o alvo das preocupações de Paulo Maluf. Ele comparou o governo a uma caixa d'água com um cano de quatro polegadas de entrada e outro de oito polegadas de saída. "O governo não pode gastar mais do que arrecada", disse Maluf.

CORDIALIDADE

Os três candidatos se trata-

ram com muita cordialidade. Maluf chegou a pedir ao mediador do debate, o jornalista Jânio de Freitas, para que aumentasse em mais dois minutos o tempo de Covas na resposta a uma das perguntas. Covas, por sua vez, lembrou o fato de ter-se formado engenheiro um ano após Maluf na Politécnica, em São Paulo. Roberto Freire ratificou, em suas posições, algumas idéias de Covas. Discreta, a platéia evitou externar posições após o encontro. Mas os aplausos mais calorosos foram para Covas, quando defendeu a necessidade de também "desprivatizar" o Estado brasileiro no sentido de eliminar subsídios e privilégios cartorais. O debate, aliás, havia começado com um discurso do presidente da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (Fiesc), observando que os empresários catarinenses "não querem ser cúmplices de um Estado perdulário e gerador de um déficit público voraz, mas um parceiro responsável e agente do desenvolvimento".